

CINCO CORUJAS  
susana sanches arins

ATRAVÉS  
editora



CINCO CORUJAS  
Susana Sanches Arins

1ª edição, outubro 2023  
© 2023 AGAL  
© Susana Sanches Arins

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)  
atraves@a.gal  
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-88-9  
DL: C 1628-2023

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Xiao Berlai  
REVISÃO TEXTUAL: Valentim Fagim e Miguel Moreira  
ILUSTRAÇÕES: Andrea López  
DIAGRAMAÇÃO: Miguel Durão  
IMPRESSO NA GALIZA: Tórculo Comunicación Gráfica, S. A.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## **O ninho**

- a sega | 8
- Rabunhar os céus | 13
- A poeta | 15
- Proprietárias | 18
- futebol | 20
- O tecido pior | 22
- Revenge | 25
- Salto Geracional | 27
- Mercado semanal | 32
- meias longas | 35
- O calor | 38
- O porco e o martelo | 41
- Sala de espera | 43
- A adoção | 47
- braille | 49
- O jardim | 51
- muros | 55
- Apologia do terrorismo | 57
- O castigo | 59
- Asdfg | 62
- Mutismo seletivo | 64
- carvalheira do rei | 66
- Cores | 69
- náufraga | 73
- Danger | 75
- Chove na casa do probe | 79
- Jantar de família | 83
- A memória gasosa | 87
- são joão | 89

a sega



as filhas do *maestro*  
não vamos à erva

as filhas do *maestro*  
vemos passar o trator  
máquina agrícola  
carro prestes a encher  
e guia lola de botana  
e mamã não têm carta de conduzir  
e lola de bata cruzada  
braços morenos chapéu de santeles  
esbrancujadinha mamã  
assomada na janela

[que pesa mais de palha  
um quilo      um quilo de ferro  
perguntou o *maestro*-papá  
e a filha que não vai à erva  
falou errou corou: o ferro!]

as filhas do *maestro*  
não vamos à erva  
e os contos no pátio da escola  
ir à erva é um perigo  
andam invisíveis as víboras  
e botas a mão acolhedora  
braçado de pasto no colo  
e sentes a picada  
dois buratinhos violáceos

[as cabeças das víboras  
são sempre triângulo  
explica o *maestro*-papá  
gatunos são os olhos  
acougo      nunca matam]

e a peçonha no corpo  
e chuchar e cuspir  
e o alívio menos mal  
que as filhas do *maestro*  
não vamos à erva.

e cravas a forquita  
para evitar cobras  
e vem a palha tisonada  
em sangue e não é  
víbora na galha ondulante  
mas ferida no pé  
burato de parte a parte  
e venha e corre  
e lá vai o manuel  
peito ao ar sangria  
camisa a enchoupar chagas  
é por isso que anda coxo  
não sabes?

as filhas do *maestro*  
não vamos à erva  
e safamos do calor  
do suor do cansaço  
e perdemos a merenda  
queijo com marmelo  
vinho e limonada  
gasosa para as crianças  
[se vos oferecem  
sanson vinho pingas  
sopas de burro cansado  
agradecei e recusai  
o *maestro*-papá avisa]

e as mais velhas aos contos  
e a cerveja escondida  
proibido tesouro de cevada  
partilhar na tardinha aos golos  
e ti não ti nunca não  
que és filha do *maestro*  
e não vieste à erva.

as filhas do *maestro*  
não vamos à erva  
e já não se fazem molhos  
mas pacas com cordéis  
azuis encarnados  
e carregá-las no reboque  
e o caminho à palheira  
cuidado não caias  
[outra vez o perigo  
guiar sem carta e onze anos  
levar o trator como homens  
não chegar aos pedais  
nem se vos ocorra]

e a víbora que assoma  
e a gata que faz ninho  
e os encontros escondidos  
sem asma nem alergias  
que contam na escola  
e nós não sabemos  
porque as filhas do *maestro*  
não vamos à erva.

porque as filhas do *maestro*  
falamos castelhano

e não temos trator  
nem pacas nem terras.  
as filhas do *maestro*  
por não ter  
nem temos víboras.



## Rabunhar os céus

Em casa estamos sempre pendentos umas dos gostos dos outros, outros dos gostos das umas. Eu ando a caçar varandas para Carmela, Carmela, receitas para a minha mãe, o meu pai sementes novas para o jardim de Xurxo e assim sucessivamente. Hoje foi Inhaki que trouxe algo para mim. Deu-me o seu telemóvel, aberto no twitter:

- Hás de seguir esta conta. Se é que não a segues já. Olha e baixa pola linha.

E peguei no telemóvel e fui vendo, pinturas, esculturas, cerâmicas, crochês, instalações. *Adorei* reconhecer a Yayoi Kusama de Jorge, ou a Tove Jansson que li este verão.

- Gosto muito da variedade, disse o meu irmão. Pára! Isso queria que visses. Lembrei-me de ti quando a vi.

Era uma fotografia a preto e branco. Tem um tom nublado que a faz parecer irreal e que me lembrou o trabalho de Ruth Matilda Anderson. E por isso decidi que estaria revelada em gelatina de prata, como as dela. A fotografia joga com dous planos. De fundo, a verticalidade. Um horizonte de prédios enormes que começam a desenhar o que depois conheceremos como skyline. Tudo sombra e cinza. E a nebulosa granulada. Destaca-se, porque supera o ângulo da fotografia, o Empire State em construção, ainda sem o coruto. Que é o Empire State soube depois. No momento só pensei na música de Chico Buarque e o operário a cair no meio do passeio, atrapalhando o tráfego. E pensei também nessa outra imagem icónica dos operários no andaime com as suas fiambreirinhas para jantar e o vazio imenso sob os pés. Isso era só o fundo da fotografia. A decoração. A nebulosa. Atravessando-a, da direita à esquerda, como o punho do Super-homem, dei com o primeiro plano de uma gárgula. Uma formosa águia-de-cabeça-branca em posição de